
Comer é um ato político: análise das estratégias divulgativas na obra “Todas as sextas” de Paola Carosella¹

Luciana Gomide Vieira²
Cristiane Cataldi dos Santos Paes³
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Investigamos, nesse estudo, os procedimentos linguístico-discursivos, por meio das estratégias divulgativas empregadas na obra *Todas as sextas*, de Paola Carosella, com o objetivo de verificar seu posicionamento em relação ao tipo de culinária que pratica e defende, bem como aspectos da construção identitária da cozinheira Paola. Observamos como a autora emprega a variação denominativa no tocante aos alimentos que utiliza, a partir das experiências de vida descritas em sua narrativa culinária. Para balizar a análise discursiva do artigo, consideramos o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica. Após realizada a análise, constatamos que a variação denominativa tem presença marcante no livro, o procedimento de redução foi encontrado de forma pontual, e o procedimento de expansão se sobressai em toda obra.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; narrativa de vida; estratégias divulgativas; denominação; comunicação.

Considerações Iniciais

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo⁴. A informação não é novidade, mas ganha contornos ainda mais alarmantes com a recente publicação do estudo *Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Européia*, realizado pela pesquisadora Larissa Mies Bombardi (2017). A pesquisa reforça aspectos sobre a permissividade existente na legislação brasileira em relação ao limite máximo de resíduos de agrotóxicos em alimentos e na água potável, assim como à quantidade de tipos diferentes de produtos comercializados no país.

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) - MG, na linha de pesquisa Estudos do Texto e do Discurso. Bolsista da CAPES. E-mail: lugomidevieira@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela Universitat Pompeu Fabra - Barcelona/Espanha (2003). Professora Associada IV da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nas áreas de pesquisa: Gênero Discursivo, Mídia e Identidade e Análise do Discurso da Divulgação Científica. E-mail: cristiane.cataldi@ufv.br

⁴ Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), Disponível em: http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf Acesso em: 01 dez. 2017.

O limite aceitável de resíduo de glifosato na água, agrotóxico mais vendido no Brasil, é 5.000 vezes superior ao permitido na Europa e, na soja, o limite é 200 vezes maior. O glifosato é usado principalmente nos cultivos transgênicos, outro campo onde o país é campeão: atualmente, 96,5% da soja cultivada no país é transgênica, assim como 88,4% da produção de milho e 78,4% da produção de algodão⁵. Estudos já realizados com esse potente herbicida revelam que o ingrediente ativo glifosato é potencial causador de alterações na estrutura do DNA e nas células humanas. Além disso, outras pesquisas indicam que o glifosato foi responsável pelo surgimento de câncer em animais tratados em laboratório (BOMBARDI, 2017, p. 36).

Compreender os fatos que fazem o Brasil ocupar lugar tão alto nesse pódio desonroso não é matéria simples. Lobby de companhias multinacionais como a Monsanto, líder mundial na fabricação de glifosato, vendido sob a marca Roundup, fatores políticos e econômicos nacionais e internacionais, somados às questões agrárias, sociais e culturais resultam nesse cenário preocupante. O glifosato é destaque entre os pesticidas usados, mas está longe de ser o único – segundo o estudo de Bombardi (2017), atualmente o Brasil permite o uso de 504 tipos de agrotóxicos – e sua aplicação não se restringe às culturas de transgênicos. O acetato, inseticida que ocupa o terceiro lugar na lista dos mais vendidos, é usado em plantações de laranjas e outras frutas cítricas.

Conhecermos as práticas de alimentação é conhecermos, também, a cultura de uma determinada sociedade e, através da evolução dessas culturas, o alimento se constitui em categoria histórica. A qualidade da alimentação dos brasileiros sofre interferência também de fatores advindos do fenômeno da urbanização intensa que atinge o mundo contemporâneo. A externalização da cozinha faz com os sujeitos se alimentem de várias maneiras, fazendo suas refeições fora de casa ou consumindo cada vez mais produtos industrializados, entre outros motivos, para ganhar tempo no preparo da comida.

Em meio a esses novos padrões alimentares, encontramos as vozes de resistência em relação à alimentação saudável. Incentivos ao plantio orgânico de produtos, à valorização da agricultura familiar, à implementação de feiras agroecológicas nas cidades, à divulgação de informações sobre os perigos do uso indiscriminado de

⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/01/transgenicos-ja-chegam-a-93-da-area-plantada-com-soja-milho-e-algodao/> Acesso em: 01 dez. 2017 (apud BOMBARDI, 2017, p. 35).

agrotóxicos, tanto para o corpo quanto para a terra. Profissionais da culinária, que se posicionam a favor da adoção de hábitos mais saudáveis como filosofia de vida, investem não só na qualidade dos ingredientes, mas buscam também uma forma de reforçar laços tradicionais e culturais. As próprias questões históricas, familiares, pessoais, afetivas, sustentáveis, entre outras, são estratégias que contribuem para reforçar um posicionamento político perante o público. Em sua tese, Helena Jacob (2013) comenta a publicação de documentos com orientações para os chefs de cozinha contemporâneos feitos por dois emblemáticos representantes da alta gastronomia espanhola: Ferran Adriá e seu maior crítico, Santi Santamaria:

Em ambos os documentos podemos notar a preocupação com a volta aos princípios da cozinha, cada vez mais rumo a uma culinária simplificada. No entanto, é preciso lembrar que tais documentos são frutos de mídiatizações, só existem porque foram comunicados. Se ambos, Santamaria e Adriá, são símbolos da alta cozinha gastronômica, por que defendem a volta aos ingredientes naturais, a uma cozinha simples, a receitas de família e a produtos frescos? Certamente porque as modelizações entre os textos culinários e gastronômicos hoje impõem que assim seja: faz parte da contemporaneidade de um mundo saturado por imagens e espetáculos, que se busque o simples – ainda que altamente espetacularizado, como nos exemplos de tais documentos. (JACOB, 2013, p. 114)

A chef de cozinha Paola Carosella assume publicamente essa postura da busca pelo simples, de uma culinária de raízes, com ingredientes orgânicos e receitas que acontecem nos detalhes. Famosa por sua participação como apresentadora do reality show culinário MasterChef, exibido semanalmente na TV Band, e assídua nas redes sociais e outras mídias, Paola Carosella lançou o livro *Todas as sextas*, onde apresenta mais do que receitas que integraram o menu executivo de seu restaurante Arturito ao longo de 2014: a obra é também um espaço de narrativa de vida, o que lhe confere efeito de autenticidade.

Diante disso, buscamos analisar, nesse estudo, as estratégias divulgativas presentes na narrativa da autora que evidenciam o seu posicionamento em relação ao tipo de culinária por ela praticada, buscando verificar se essas estratégias são utilizadas como forma de divulgação e/ou de persuasão junto ao leitor de sua obra. Faz-se necessário esclarecer que esse artigo é parte da pesquisa inicial de mestrado⁶ que tem

⁶ Pesquisa de mestrado orientada pela prof^a Mariana Ramalho Procópio, Doutora e Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - MG. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV) - MG. E-mail: mariana.procopio@ufv.br

como objeto de estudo a obra aqui analisada. O estudo visa contribuir com apontamentos para o projeto em andamento a partir da investigação proposta. No próximo tópico, realizaremos uma contextualização acerca das principais reflexões teóricas que fundamentam esse estudo, segundo os trabalhos de van Dijk (2011), Braga (2012), Cataldi (2007, 2011), Ciapuscio (1997), Cassany; López; Martí (2000). Após, apresentaremos o conceito de momentos biográficos de Arfuch (2010), entendido como a manifestação das narrativas de vida em contextos midiáticos diversos, assim como teceremos algumas considerações sobre narrativas de vida segundo Charaudeau (2016), Carvalho (2016), Machado (2016) e Procópio (2016). Esses conceitos serão aplicados na análise do *corpus* extraído da obra *Todas as sextas*, da autora Paola Carosella.

Os procedimentos linguístico-discursivos no processo de recontextualização

Segundo van Dijk, “Grande parte do que sabemos aprendemos a partir dos meios de comunicação” (2011, p. 19). Embora o autor esteja se referindo à divulgação do conhecimento científico na mídia, seguramente a afirmação pode ser estendida a outros âmbitos. No da culinária, por exemplo, não somente o saber pode ser transmitido através da mídia, mas, de acordo com Jacob, a própria comida também é “mediatizada porque amplamente explorada em todos os meios de comunicação contemporâneos” (2013, p. 25), fato que se deve a uma “explosão da exposição midiática da comida” (*idem*).

Em uma sociedade onde os processos sociais são midiáticos, as problemáticas comunicacionais tornam-se fundantes da própria identidade dos sujeitos. Segundo Braga (2012), os processos de mediação se encontram de tal forma articulados com a vida social que continuam mesmo quando não estamos frente às mídias. Tais processos são parte da demanda social contemporânea, ou seja, os indivíduos e as instituições mobilizam esses processos de determinadas maneiras, de modo contínuo, exigindo sua adequação conforme o ambiente a partir do qual são acionados.

Apesar do senso comum considerar que somos controlados pelas mídias, Braga reafirma a agência dos sujeitos ao ressaltar uma mobilização por parte da sociedade. O que ocorre é que processos sociais, que em outras épocas aconteciam sem mediação, são agora midiáticos:

Por diversas razões, já não se pode considerar “a mídia” como um corpo estranho na sociedade. Com a mediação crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma

aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade. (BRAGA, 2012, p. 35)

Diante dessa formação social, compreender os processos comunicacionais é uma necessidade dos sujeitos. Toda comunicação se materializa através dos discursos e cada campo tem suas características discursivas. Resumidamente, van Dijk (2011) destaca que discurso pode ser definido como o texto em contexto, texto entendido como o fenômeno da materialização do discurso e o contexto traduzido na situação comunicativa onde esse fenômeno ocorre. Como o discurso é uma forma de uso da linguagem, está submetido a determinadas regras linguísticas e a outros princípios normativos, tais como léxico e sintaxe específicos do campo ao qual pertence. Uma receita culinária pertence ao gênero discursivo de visada instrucional, com regularidades linguísticas que a fazem ser identificada dessa forma, embora tais aspectos não sejam estanques pois, de acordo com Bakhtin, gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Para identificar, descrever e analisar as diferentes manifestações linguísticas que ocorrem no uso da linguagem, van Dijk (2000 *apud* CATALDI, 2007, p. 157) aponta as três dimensões de que se ocupa a Análise do Discurso (AD): “o *uso da linguagem* (dimensão linguística); a *comunicação de crenças* (dimensão cognitiva); e a *interação em situações de caráter social* (dimensão sociocultural)”. A concepção da utilização de recursos linguísticos leva em consideração a *intencionalidade* do sujeito enunciativo, como forma de comunicação, e a *representação do mundo*. Assim, em toda materialização discursiva, ou seja, em todo texto, deve-se observar seu propósito comunicativo, a situação de comunicação (o contexto) e a comunidade discursiva onde ocorre a comunicação. Ademais, sobre as condições de produção do texto, Calsamiglia (1997) afirma que devemos levar em conta quem produz, com que intenção, o que diz a pessoa que escreve – e também o que não é dito por ela, pressupondo-se o conhecimento compartilhado com seu possível interlocutor.

Os textos de divulgação apresentam estratégias que visam à apreensão cognitiva por parte do interlocutor do discurso e atendem às dimensões da AD supracitadas, variando de acordo com o contexto, com a finalidade da comunicação e com os seus interlocutores. No espectro da Análise do Discurso da Divulgação Científica, o processo de recontextualização propõe a re-criação de conhecimentos específicos para um domínio geral. A obra aqui analisada, pertencente ao âmbito da divulgação culinária,

cumpra a função de apresentar o gênero receita recontextualizado sob o olhar específico da autora a partir de suas vivências pessoais.

Dentre os procedimentos possíveis, temos o de *expansão*, que ocorre partir de determinadas estratégias divulgativas referentes à inclusão de novas informações, à substituição de um termo por outro equivalente e à explicação de conhecimentos compartilhados; o de *redução*, observado quando informações não relevantes são eliminadas ou condensadas; e o de *variação*, que se refere à apresentação da informação, à seleção lexical, à modalidade enunciativa e a outros aspectos linguístico-discursivos (CIAPUSCIO, 1997 *apud* CATALDI, 2007).

No procedimento de variação, encontra-se a estratégia léxico-semântica da variação denominativa. A denominação é uma escolha linguística que leva em consideração terminologias específicas do âmbito no qual se está inserido (no caso da culinária, a denominação de ingredientes e técnicas, por exemplo). Existe um consenso acerca de léxicos pertencentes a determinados campos de conhecimento e, de certa forma, espera-se que esses léxicos sejam utilizados. Quando não são ou, por outra, quando há uma variação denominativa, buscamos descrever e analisar o efeito de sentido gerado a partir dessa estratégia divulgativa.

As demais especificidades linguístico-discursivas que devem ser observadas no processo de análise, além das escolhas lexicais, dizem respeito à sintaxe, ao caráter técnico do vocabulário, ao texto como um todo e sua função comunicativa. Em relação a essa última, não devemos nos ater somente à função referencial, uma vez que o emprego de recursos expressivos amplia a compreensão dos enunciados. Toda a informação semântica contida em um texto está revestida de certa atitude do autor desse texto (CIAPUSCIO, 1997 *apud* CATALDI, 2011).

O livro de cozinha como espaço de narrativa de vida

Narrativas se caracterizam como um modo de se contar alguma coisa de forma *intencional*, e não somente como uma maneira de descrever uma sequência de fatos. É um *querer transmitir alguma coisa* a alguém de *uma certa maneira*. A função do narrar é contar uma história, mas não qualquer história: narra-se em busca da verdade e, como isso não é possível, as narrativas, ao falar de “fatos e gestos dos seres humanos, liberam parcelas desta verdade” (CHARAUDEAU, 2016, p. 154).

Uma modalidade das narrativas são os relatos de vida, ou narrativas de vida, cuja abordagem, como metodologia de pesquisa, segundo Carvalho (2016), tem origem nas

Ciências Sociais, mais especificamente na Sociologia, mas expande-se para outros campos de estudo como a História, a Antropologia etc, como forma de compreensão da história individual e coletiva. Nos estudos linguísticos, a narrativa de vida é analisada discursivamente tendo-se em vista não a história acabada, mas o processo de contação dessa história. Interessa à Análise do Discurso a investigação das estratégias discursivas empregadas pelo sujeito, ainda que inconscientemente, durante esse processo:

Nesse sentido, por narrativa de vida, entenderemos todo processo discursivo assumido por um sujeito que tenha como objetivo contar a vida de um ser que existe ou existiu, seja ele próprio ou outro. Consideramos, então, que o objeto desse gênero genealógico seja constituído pelos percursos vividos por um sujeito ao longo de sua existência, por momentos trazidos pelas suas próprias lembranças ou pelo acesso direto a documentos e escritos pessoais do *personagem-objeto-da-narrativa*, ou seja, um todo que envolve não só acontecimentos, mas também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores. (CARVALHO, 2016, p. 27) [itálicos no original]

Machado (2016) traz contribuições fundamentais para o estudo das narrativas de vida e pontua que tais narrativas se constituem dos imaginários dos sujeitos narradores. Os imaginários, por sua vez, constituem-se de uma coleção de memórias “onde diferentes vozes se conjugam” (MACHADO, 2016, p. 122), vozes essas que contam experiências vividas pelo próprio narrador de forma individual ou coletiva. Esse dialogismo experimentado pelo sujeito que conta a história (no caso das autobiografias, que conta sua própria história) ocorre sempre em um determinado contexto social.

Os imaginários são também espaços de representações sociais e são inerentes às atividades languageiras dos sujeitos-enunciadores. A reconstituição dos fatos numa narração, ainda que tenham sido vividos pelo narrador, nunca terá a precisão do momento do acontecimento. São fatos que estão presentes em uma memória repleta de outras vozes e que, com o passar do tempo, são acessados de outro lugar, sob outro ponto de vista, integrando o imaginário de um narrador que já não é mais o mesmo que viveu os tais acontecimentos (ainda que o seja, de fato).

Para que os imaginários e as representações tenham efeito de sentido numa comunidade discursiva, é preciso que eles sejam compartilhados pelos indivíduos dessa comunidade. É o que afirma Procópio (2016) ao propor que a narrativa só existe enquanto representação ao provocar sentido em alguém. Ainda que a história narrada seja uma forma de reconstrução da identidade, algo pessoal e subjetivo, as

representações e os imaginários desse narrador só fazem sentido ao serem compartilhados e compreendidos pelo sujeito interpretante de seu discurso.

As narrativas de vida são também parte permanente na afirmação da identidade social dos sujeitos, pois uma das formas do sujeito demarcar sua autenticidade e seus posicionamentos, revelando não só sua história, mas também sua subjetividade, dá-se através da narrativa de si. Segundo Arfuch (2010), desde a obra *Confissões de Rousseau*, no século XVIII, que os gêneros literários autobiográficos se consolidaram como espaço de autorreflexão e construção de narrativa do privado. “Além disso, uma cultura confessional e terapêutica nos legou a ideia e a experiência de que a expressão de nossa intimidade é a via régia da realização de um eu autêntico” (ROSE, 1998 *apud* BRUNO, 2013, p. 67).

Arfuch (2010) caracteriza o *espaço biográfico* como o ambiente onde coexistem narrativas de vida em gêneros discursivos variados, sejam eles formatos canônicos de relatos (auto)biográficos ou outras formas de registros contemporâneos de tematização do eu. Para a autora,

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação. (ARFUCH, 2010, p. 59)

A autora destaca que o espaço biográfico não é um macrogênero que comporta formas diversas de narrativas *relativamente estáveis* de tematização do eu, mas sim um cenário móvel de manifestação de motivos. Nessa perspectiva, emerge o conceito de *momentos* com valor biográfico em outros gêneros, ou a presença das narrativas de vida em contextos midiáticos diversos, o que Arfuch denomina como *momentos biográficos*.

Ao pensarmos o espaço biográfico como um potencial lugar de demarcação de autenticidade, é possível que ele também seja visto como um lugar de resistência. Braga (2012) ressalta que a partir da inserção cultural do receptor nos meios de comunicação, ou seja, da possibilidade de agência dos sujeitos a partir da mídia, “mediações se põem, praxiologicamente, como espaço da ação de resistência” (BRAGA, 2012, p. 33). Um livro de cozinha autobiográfico, como o de Carosella, objeto de nossa pesquisa, pode confirmar a autenticidade do posicionamento público da cozinheira ao trazer, a partir da narração do eu, informações que corroborem seu discurso e suas ações, como

investigaremos adiante nesse estudo, a partir da identificação das estratégias divulgativas.

Análise dos procedimentos linguístico-discursivos na obra *Todas as sextas*

Esse trabalho é de cunho qualitativo, voltado para o estudo do objeto, e tem como foco a análise das estratégias divulgativas identificadas no livro de cozinha configurado como um espaço de narração de si, ou espaço biográfico. A análise é feita observando-se os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso da Divulgação Científica.

O objeto em questão é o livro *Todas as Sextas*, de autoria de Paola Carosella, que tem 359 páginas organizadas em dois eixos temáticos principais. Primeiramente encontramos o eixo que prioriza a narrativa de vida, mais próxima da narrativa biográfica canônica. A obra inicia-se com o prólogo onde a narradora explica a razão de aceitar a proposta para escrever um livro de cozinha: o desejo de contar sua história. A partir daí, temos uma narrativa que segue uma ordem cronológica contínua em progressão, embora não siga a risca essa perspectiva – a história não se inicia com o nascimento da autora e sim com um relato sobre saudade, afeto e acolhimento – a relação sentimental da profissional com a cozinha. Após, vemos a história de sua família e toda a construção de seu percurso com a cozinha, seus universos de referência culinária, o encantamento com as avós nesse espaço, e depois sua própria trajetória profissional. É um espaço dedicado ao texto, à narrativa do eu.

Depois do eixo autobiográfico, seguem 94 receitas culinárias divididas nas seções *Receitas Básicas*, *Entradas*, *Pratos Principais* e *Sobremesas*. As receitas são registradas observando-se aspectos da estrutura clássica de textos instrucionais, com a divisão entre *ingredientes* e *modo de fazer*, mas sem essa titularização, e aparecem junto a narrativas de experiências de vida relacionadas às mesmas. São narrativas que complementam a receita e explicam sua importância na vida da autora, resgatam memórias afetivas e ajudam na compreensão da construção da identidade de Paola Carosella. Algumas receitas são acompanhadas por imagens fotográficas de autoria de Jason Lowe. São imagens, em sua maioria, dos pratos finalizados das receitas presentes no livro, mas também de ingredientes e de Paola. Depois das receitas, temos o índice, um texto do fotógrafo Lowe, os agradecimentos e a ficha técnica do livro.

Antes, porém, das seções dedicadas às receitas culinárias, temos um texto intitulado *Só mais uma coisa*, onde Paola se posiciona em relação às receitas

apresentadas no livro e em relação ao tipo de culinária que pratica: com foco nos detalhes, na valorização dos ingredientes, orgânicos sempre que possíveis, uma cozinha em conexão com a história e as pessoas. Apesar de ser uma espécie de prólogo das receitas, já que atua como ponte entre o que foi dito na parte da narrativa de vida e as receitas que virão a seguir, o texto é também sobre a autora, pois apresenta características da sua forma de atuação na cozinha e de sua personalidade. Vários excertos que compõem o *corpus* dessa análise fazem parte desse texto, uma vez que, de certa forma, ele sintetiza o posicionamento da autora acerca de sua culinária e resume também algumas marcas identitárias que buscamos em nosso estudo. No entanto, trechos de outras seções serão utilizados para complementar as análises propostas. É importante destacar que, por se tratar de um livro com eixos de narrativas do *eu* e de receitas culinárias *autorais permeadas por relatos de vida*, consideramos que toda a obra conforma-se em um espaço de narrativa onde seria possível verificar o posicionamento da autora, assim como a construção de sua identidade, e não somente os momentos analisados nesse trabalho.

Começamos nossa análise a partir de um fragmento que consta no *Prólogo* do livro:

- (1) Sempre me perguntei por que ainda se fazem livros de cozinha. Quantos livros de receitas já não existem? De quantas receitas mais de gaspacho, de minestrone ou de panna cotta precisamos? *Provavelmente*, de nenhuma mais. Então, por que escrever *mais* um livro de receitas se eu mesma acho que não é necessário? [...] Mais de um ano se passou entre o primeiro projeto e o dia em que senti qual livro deveria escrever e por quê. [...] *O que eu tenho para contar é uma história*, uma história que se costurou, que se fez, que se ergueu, na cozinha. *E é nessa história que as receitas fazem sentido.* (CAROSELLA, 2016, p. 9) [grifos nossos]

Em uma espécie de justificativa, a narradora faz perguntas retóricas buscando não só a compreensão do leitor em relação ao tema, mas uma provável adesão do mesmo. Ela defende que não há necessidade de outros livros de receita no mundo, mas usa o marcador de posicionamento atenuador *provavelmente* dando à afirmação determinado grau de confiabilidade. É uma forma de persuasão em relação ao leitor para que este se entregue à narrativa – ele poderia fazer a opção de considerar a obra somente como um livro de receitas, mas ao dizer que *as receitas fazem sentido nessa história que ela vai contar*, a autora procura cativar a atenção de seu interlocutor justamente para que seu livro não se torne *mais* um livro de receitas entre tantos outros.

- (2) Eu não sou o que se imagina de uma chef de cozinha. Sou uma *cozinheira*, sempre fui uma cozinheira e sempre serei uma cozinheira. E parece que sopra um ar fresco, abundante dentro de mim e *minha alma sente um alívio enorme* quando escrevo e leio essas palavras. (CAROSELLA, 2016, p.11) [grifos nossos]

No fragmento (2), para além de um posicionamento político e identitário da autora, a denominação *cozinheira* nos sugere uma valorização do ofício pertencente ao universo feminino. Ela nega a hierarquia imposta pela divisão sexual do trabalho, já que a participação das mulheres em postos de comando na cozinha da alta gastronomia ainda é exceção. A denominação nos remete também a uma homenagem às suas antepassadas, em um resgate da memória e da relação de afeto com as avós, que têm forte influência na construção da identidade social da autora. Apontamos o uso da seguinte personificação *minha alma sente um alívio enorme* como um importante recurso expressivo.

- (3) Maria preparava o café antes de todo mundo acordar e, em seguida, começava a fazer o almoço. Uma panela enorme fervia desde muito cedo, com o molho de tomate feito com a conserva que *ela mesma preparava*. Na mesma panela, fervendo junto, *algum coelho ou frango que ela mesma criava*. (CAROSELLA, 2016, p.14) [grifos nossos]

Percebemos, no trecho (3), a tradição familiar no uso de alimentos de origem orgânica, preparados de forma caseira. Ela mostra que cresceu consumindo produtos de qualidade, o que lhe confere legitimidade para se posicionar sobre o assunto. A repetição da expressão *ela mesma* reforça que o alimento era preparado de forma caseira.

- (4) Tudo acontecia nessa mesa de fórmica. Uma janela grande, em frente à mesa, dava para o jardim, para a horta, para o curral. Era um espaço enorme *aos olhos de uma criança, um verdadeiro paraíso da mais pura simplicidade*. [...] *Tinha tudo*. Tinha tomate, batata, alface, espinafre, cebola, alho, berinjela, pimentão, manjerição, alecrim, salsinha, louro, romã, tangerina, laranja, limão, uva, coelhos e galinhas. [...] *A terra é para ser plantada, para ser bem cuidada, para continuar fértil para que se possam colher seus frutos, para criar bichos, para alimentar pessoas*. (CAROSELLA, 2016, p.16 e 17) [grifos nossos]

Em (4), Paola faz um relato da sua experiência na casa dos avós e de como o contato com a natureza e o cultivo da terra marcaram sua vida. Ao evocar suas lembranças de infância, faz uso das memórias afetivas para descrever as sensações que

sobrevivem em seu imaginário frente a uma horta, a um curral: destacamos os substantivos *criança* e *paraíso* (acompanhados do adjetivo *verdadeiro*), além da expressão *pura simplicidade*. São informações que nos remetem ao universo da natureza, da inocência, da não contaminação. Ademais, a afirmação *Tinha tudo* seguida pela enumeração do que havia na parte externa da casa – que não era tudo, obviamente, mas na afirmação da autora a sensação de completude vem do que é simples. No final do excerto, temos o posicionamento claro da cozinheira sobre como a terra deve ser cuidada por e para pessoas – sem o uso de pesticidas, certamente.

- (5) Em algumas receitas indico *ingredientes orgânicos* quando sei que são *relativamente* fáceis de encontrar, mas também quando é quase *imprescindível* que o sejam, como raspas de limão ou de laranja. É *assustador* imaginar as raspas da casca de algo que foi *pulverizado com inseticida* dentro de nossa comida. Ovos. Ovos e frangos e galinhas... Assunto complexo e sensível. Recomendo usar apenas ovos de *galinha de vida digna*, e frangos de vida similar. E por vida digna entendo que tenham sido criados soltos e não trancados em gaiolas, que tenham tido a possibilidade de dormir no escuro, que tenham sido tratados como tratávamos os animais quando os criávamos como animais e não como fonte de proteína. (CAROSELLA, 2016, p. 66 e 67) [grifos nossos]

No excerto (5), percebemos, mais uma vez, a preocupação da autora com a qualidade dos alimentos utilizados no preparo de suas receitas. Mais do que apreço pelo detalhe, aqui Paola posiciona-se politicamente frente ao tipo de culinária com a qual trabalha: orgânica, sustentável, de cuidado e respeito aos animais. A partir de escolhas lexicais tais como *imprescindível* e *assustador*, vemos que o uso de *ingredientes orgânicos* é mais do que uma opção para a cozinheira – ela argumenta a favor de tais alimentos de forma contundente, e utiliza o atenuador *relativamente* para amenizar as dificuldades de se encontrar produtos assim. Ao dizer *pulverizados com inseticidas*, novamente Paola deixa claro que é contra a utilização de agrotóxicos a partir do uso dessa informação. Outra forma de argumentação ocorre a partir do uso da denominação *galinha de vida digna*, que, por oposição – ou pelo que não é dito, conforme asserção de Calsamiglia (1997), leva ao entendimento de que galinhas de granja não são dignas. Ela poderia ter usado a denominação *galinha caipira* ou *galinha orgânica*, mas *galinha de vida digna* é uma estratégia de captação do leitor. A explicação do significado de *vida digna* para uma galinha, destacado em itálico no fragmento, é feita a partir do procedimento de expansão.

(6) *E o detalhe mais importante de todos é o ingrediente. Todas as receitas deste livro se construíram ao redor dos ingredientes. E não existe um bom ingrediente que não tenha por trás uma pessoa interessante, alguém com olhos honestos e boas intenções.* (CAROSELLA, 2016, p. 65) [grifos nossos]

Vemos no fragmento (6) uma forte referência aos ingredientes orgânicos, embora essa palavra não seja utilizada explicitamente. Em um primeiro momento, a autora diz que *o detalhe mais importante de todos é o ingrediente* para depois construir seu argumento de que *não existe um bom ingrediente que não tenha por trás uma pessoa interessante, alguém com olhos honestos e boas intenções*. No imaginário social é possível conhecer o fornecedor do ingrediente se sabemos sua origem, logo, ela trabalha com a representação da comercialização direta, do contato entre vendedor/produtor e consumidor. É a partir da inferência desse conhecimento compartilhado entre seus interlocutores, de que orgânicos são vendidos em feiras ou diretamente do produtor, e que ao comprar esses alimentos sabemos de sua procedência, que esse argumento torna-se possível.

(7) *Tem bicho mais generoso do que uma galinha? Obrigada, galinhas, e mil desculpas, desculpas pelos abusos também. Vocês não deveriam nunca, nunca, viver em gaiolas. Ou alguém aqui gostaria de viver em uma gaiola?* (CAROSELLA, 2016, p.147) [grifos nossos]

No último excerto analisado (7), vemos a presença inusitada do adjetivo *generoso* para caracterizar a galinha. O fragmento faz parte do relato que integra a receita *Ovos com parmesão e flor de brócolis*, onde vemos a narradora agradecer e se desculpar com as galinhas, humanizando-as. Ela faz o mesmo movimento de humanização ao questionar se seu leitor gostaria de viver em uma gaiola. É uma forma explícita de captação, de persuasão do interlocutor – o procedimento de redução é utilizado a partir da supressão da informação de que essas galinhas serão fonte de alimentação. A inserção do relato entre os *ingredientes* e o *modo de fazer* apresenta-se como um procedimento de expansão cuja intenção é legitimar a forma como Paola apresenta as suas receitas para os seus leitores.

Considerações finais

Esse artigo teve por objetivo analisar, a partir de fragmentos da obra *Todas as sextas*, de autoria de Paola Carosella, o seu posicionamento frente a questões como

consumo de alimentos orgânicos, assim como sua formação identitária, e como essas questões se constroem em sua narrativa.

Constata-se que esse livro de receitas tem como objetivo a transmissão do saber culinário, ou seja, a divulgação das receitas através da narrativa de vida de sua autora, mas, para além disso, em diversos momentos, Paola deseja persuadir seu leitor a compartilhar de seus posicionamentos políticos frente a questão dos alimentos orgânicos. O trabalho de persuasão é feito de forma implícita, às vezes, ou contundente em outras, a partir de argumentos lógicos ou mesmo de apelo dramático e emotivo para conseguir tal intento.

A autora utiliza a variação denominativa como estratégia de divulgação de sua prática culinária, descrita a partir da sua narrativa de vida. Os relatos inseridos nas receitas, entre a lista de *ingredientes* e as instruções do *modo de fazer*, atuam como um importante procedimento de expansão. A própria sequência narrativa também opera como um recurso de expansão ao incluir a história pessoal, o entorno familiar e cultural para sustentar os posicionamentos da autora. Consideramos, assim, que a variação denominativa tem presença marcante no *corpus* analisado, o procedimento de redução foi encontrado de forma pontual, e o procedimento de expansão destaca-se ao perpassar grande parte dos textos dessa obra de divulgação.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Européia**. São Paulo: FFLCH – USP, 2017.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N., (Org.). **Mediação & mediatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>> Acesso em: 01 dez. 2017.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade / Fernanda Bruno. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerários discursivos del saber. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, 1997, p. 9-18.

CAROSELLA, Paola. **Todas as sextas**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.

CARVALHO, Aline T.S. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a narrativa de vida. In: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Ed. Belo Horizonte, MG: NAD, FALE/UFMG, 2016, v. 1, p. 21-42.

CASSANY, D.; LÓPEZ, C.; MARTÍ, J. La transformación divulgativa de redes conceptuales científicas. Hipótesis, modelo y estrategias. **Discurso y Sociedad**. Barcelona: Gedisa, v. 2, n. 2, 2000, p. 73-103.

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. (Org.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa – MG: Ed. UFV, 2007, p. 155-164.

_____. O discurso sobre ciência: os transgênicos em foco na mídia impressa. In: GOMES, M. C. A.; CATALDI, C.; MELO, M. S. S. (Org.). **Estudos discursivos em foco: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares**. Viçosa – MG: Ed. UFV, 2011, p. 71-92.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Angela M. S. Correa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciencia. **Quark**, Barcelona: Observatório de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, 1997, p. 19-28.

JACOB, H. M. A. **Gastronomia, culinária e mídia: estudo dos ambientes midiáticos e das linguagens da comida e da cozinha**. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

MACHADO, Ida Lúcia. Nos bastidores da Narrativa de Vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Ed. Belo Horizonte, MG: NAD, FALE/UFMG, 2016, v. 1, p. 121-138.

PROCÓPIO, Mariana R. Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: MACHADO, I. L.; MELO, M. S. S. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Ed. Belo Horizonte, MG: NAD, FALE/UFMG, 2016, v. 1, p. 299-326.

ROSE, N. Government and Control. **British Journal of Criminology**, Oxford, v. 40, n. 2, p. 321-39, 2000.

VAN DIJK, T. A. Por uma teoria da comunicação científica: discurso, conhecimento, contexto e compreensão da sociedade. In: GOMES, M. C. A.; CATALDI, C.; MELO, M. S. S. (Org.). **Estudos discursivos em foco: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares**. Viçosa – MG: Ed. UFV, 2011, p. 19-40.